19 de Abril de 1947 — Avença — Ano IV—N.º 82

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Impressão, Administração e Proprietária: Casa do Gaiato de Paço de Sousa — DIRECTOR E EDITOR: Padre Américo — Composição e Impressão—Tip. da Casa Nun'Alvares R. Santa Catarina, 828-Pôrto
Vales do Correio para Cete—Preço 1$00 — Visado pela Comissão de Censura

Noticias do Lar de Coimbra e ditas da Casa de Miranda

Fui por aí abaixo. Fui no de prata, que chega a Coimbra pelas treze e quê. Fiquei no Lar até ao dia seguinte. Padre Adriano, que não contava com a visita da minha importante pessoa, estava em Miranda e lá esperou. O carro novo andava comigo. Encontramo-nos em Coimbra. Acabaram-se as distancias! No dia seguinte iria ter com Adriano a Miranda, e assim aconteceu.

Soube muitas coisas no Lar. Conversamos todos. Trinta e tantos moços mais eu. O Maioral toma à sua conta o meu jantar, o meu quarto, os cuidados com o hospede. *Já tem a cama aberta,* disse-me à hora do recolher! Tinha havido ontem ali um julgamento, ao qual me não posso furtar a dar a conhecer. Foi assim: o pupilo X, vai pedir uma carta de apresentação ao Maioral, para se colocar. Maioral, aproveita a ocasião, para lhe falar em recentes faltas cometidas por êle, pupilo. Pupilo escuta e nega. Que não. Que não senhor. Sustenta a mentira intrépidamente. Maioral escuta sem nada dizer. A certa altura, fita o mentiroso e exclama: *Mas tu estás realmente a falar com sinceridade?* O pupilo deixa cair os olhos no chão: *Estou a mentir!* O julgamento prossegue. Estão ali dois rapazes da mesma idade e procedencia. Não há códigos. Não há leis. Há a consciencia. O maioral pede ao pupilo que tome o seu lugar, e levanta-se da cadeira. Pupilo senta-se. Ele quer uma carta de recomendação. Maioral toma a palavra e diz assim: *Tu és agora o Maioral da casa. Eu sou um dos teus pupilos. Eu tenho estado aqui a mentirte descaradamente e no fim, peço-te uma carta de recomendação para uma casa de trabalho. Tu és Maioral. Tu dás-me a carta?*

O pupilo cala-se.

—Anda. Decide. Tu das-me a carta?

—Não te posso dar a carta!

—Pois nem eu!

Mas o julgamento prossegue.

De novo toma cada um o seu lugar. O Maioral, amigo e colega do pupilo, abre-lhe os olhos. Tira da lição todo o proveito.

—Sabes o que é ser um maioral? Não é ver que tudo esteja pronto a tempo e horas. O Maioral é isto. E' a responsabilidade do decidir. Vai, emenda-te e vem pela carta.

Senhores leitores, anda praí tudo aflicto de como há-de ser a sucessão. De quem me há-de suceder, e o mais que a êste respeito se diz. Sim. Anda praí tudo aflicto. Nanja eu. Já cá estão os sucessores.

Da Casa de Miranda, tenho também uma noticia muito interessante, aonde o Maioral figura. Ela aqui vai: Mal chego, o chefe aproxima-se e dá o recado. Era um boi. Ele quer comprar um boi e explica. *E' que nós temos só um boi pró nosso carro; e o trabalho é muito. Andamos com obras na casa. Temos os campos pra lavrar.*

O rapaz fala como se alguma coisa lhe doêsse. Aflige-se.

—Mas eu já dei há tempos dinheiro pró boi ao senhor Padre Adriano.

—Já deu sim. Deu 5 contos. Mas êle precisou do dinheiro pra outras coisas.

Dê-me a mim, que eu vou comprar o boi e mais o Ti Pedro. Vamos à feira a Louzan.

Eu dei-lhe os cinco contos. E o rapaz foi comprar o boi na companhia do Ti Pedro. Ele é Maioral. Sente. Interessa-se. Continuadores da Obra? Mas para quê ir procura-los, se eles já cá estão! Por ventura um pai de familia já algum dia foi procurar fora a sucessão da casa, tendo filhos à sua roda? Não consta. Pois na Obra da Rua é da mesma sorte. Ela é uma Familia. Da massa deles, hão-de sair os seus legitimos continuadores. A diferença especifica entre esta obra e outras de igual teor, está precisamente na divisa *obra de rapazes, para rapazes, pelos rapazes.*

Destes rapazes de agora, hão-de sair amanhã os homens da Obra, com plena compreensão da obra, a vivificar a obra. Não vamos por prata; têmo-la de casa. E' a melhor.

Outra vez no Lar de Coimbra. Aproxima-se o tempo da desobriga. Do preceito da comunhão pascal. Quem há-de falar aos pupilos deste dever? E' o Maioral. E' êle que o faz expontaneamente. Disserta, por palavras e convicção suas. E' à noite, quando todos estão em casa.

—Eh pá! Tens dado um faiscão! Os rapazes andam todos entusiasmados! Nem o Padre Adriano faria o que tu tens feito!

Isto é a apreciação e a revelação de um dos companheiros. *Nem o Padre Américo...!* Muito bem. Sim senhor. Nem o Padre Adriano. Aquele rapaz, sem dar fé, apresenta uma definição adequadissima da mecânica da Acção Católica.

UM PEDIDO

Sim senhor. O pedido de missais foi de efeito imediato. Logo no dia seguinte ao da sua publicação, o rapaz que vai pelo correio, gritava, escadas acima: Missais!

—Quem te disse que são missais?

—Vinha a pedir no Gaiato *e agora estão aqui! Teem vindo justamente da marca desejada,* o missal das creanças, *com gravuras. Teem vindo justamente pela forma sugerida: as casas do género enviam, mediante, já se vê, as ordens do freguês. Prontidão. Fidelidade. Vivam os leitores de* O Gaiato!

O Morteiro *é que está encarregado de explicar. Ela tem missal e acompanha a missa. Ele sabe. Costumo tirar cinco minutos ao meu tempo, no fim da oração da noite, e explicar à malta um ponto do Evangelho. Pois bem. Quasi sempre ao sair, topo o* Morteiro *na sacristia, missal na mão, a apontar uma das muitas figuras que lá estão:* olhe, vê? Foi disto que você falou! *Ele sabe.*

Os letrados, *tomam agora lugar na capela á roda do* mestre *e seguem pelo missal os passos do altar. Gosto de dar esta incumbencia ao rapaz. Gosto que um rapaz ensine os rapazes em matéria de religião. Nós fazemos cá dentro acção católica. Pena é que sejam tão poucos, por enquanto, os deles capazes de agir. A acção católica é uma fogueira de luz, ou ela não tivesse vindo do Papa. São as massas incendiadas pelas massas.*

Mas vamos a outro assunto. Outro pedido Não se trata de acção católica. Nem só da

CONTINUA NA SEGUNDA PÁGINA.

Apostolado dos leigos aos leigos. Eis o que ela é E para que nem sequer falte o pitoresco que convém a uma obra de rapazes, os catecumenos, naqueles dias de fervor, chamavam ao Maioral *o senhor abade!* ó senhor abade! E o senhor abade respondia.

Mas então quê? Vamos afirmar que a população das nossas casas é o que há de melhor? Dizer que todos respondem aos nossos desejos? Que não há deficiencias? Quem nos acreditaria se tal dissessemos?

Declaramos, sim, que a percentagem dos que se aproveitam é muito animadora e que, a dos que ficam para traz, se não engrena nestes metodos caseiros, muito menos nos cientificos.

Mais coisas do Lar. O serão prolongou-se. Era no nosso pequenino escritório. Uns sentados em bancos. Outros num sofá que lá temos. Outros estendidos no chão. Alguns encostados à parede. Estavamos em casa. Na nossa casa. Fala-se do casamento próximo de alguns. Fala-se de um que houve de ser convidado a retirar-se do Lar. Coisas das aulas. Das oficinas. Da rua. O Luiz conta uma discussão: ontem, na Baixa, até à meia noite, com quatro colegas. Despediram-se a bem, mas renhiram duas horas. Assunto? Religião.

—Ouvi dizer que vocês lá em casa não podem lêr? E o Luiz esclarece. Ele é inteligente. Tem boa formação religiosa. Sabe a moral da leitura. Explica: *Os fortes, podem lêr tudo. Os fracos, não.*

—Para que vais tu à missa?

Mais uma lição do Luiz aos seus colegas de trabalho. Ele fala. Explica. Talvez os não haja convencido, por agora. Talvez. Mas ficam de pé dois argumentos. Primeiro, o que êle afirma é a verdade. Segundo, fa-lo com equilibrio e convicção. Os colegas atacam de novo:

—Não vês que vão pra lá as senhoras como pro cinema?

O Luiz deplora e confirma; pois se êle é verdade!...

E vai dizendo que aquilo não é a missa. Que os padres protestam, mas que não podem fechar as portas dos templos.

Vale muito a pena tomar conhecimento dos conceitos desta classe de rapazes, cismar. Meditar. Temer. Não vá a gente cair no erro de os condenar por não irem à missa, quando é certo que a verdadeira culpa é de quem lá vai como *pró cinema!* Melhor fariam se jamais lá fôssem!

Aqueles rapazes teem a intuição do decôro devido ao lugar, ao momento, ao acto. Parece-lhes mal o que veem. São cristãos.

Haviam de compreender sem dificuldade, se alguem lhe dissesse, que a disciplina dos primeiros tempos da igreja, mandava sair dela os catecumenos antes da missa começar, e ficar sómente os fieis.

Gosto das igrejas de pedra, com altares de pedra e fisgas de luz. Gosto de Jesus Crucificado. Gosto dos que adoram em espirito simples e de verdade.

Se eu pudesse dizer aqui neste papel quanto me doi o mendigar nas chamadas missas altas o pão destes meus filhos! Eu vejo ali os mesmos trajes dos casinos, aonde também peço! Quem pode servir a dois senhores?!

UMA CARTA

«Não se pode hoje andar no Porto, especialmente em certas ruas e em certas horas, sem dar conta do grande número de crianças que vagueiam pela cidade, muitas a pedir, outras simplesmente a vadiar. E' possivel que muitos as não vejam. E' possivel que muitos as não queiram ver. E é certo que delas não podem facilmente dar fé os que só atravessam a cidade dentro dos seus carros de luxo.

Entretanto julgo que a assistencia à criança é um dos grandes problemas nacionais, não apenas sob o aspecto da educação e cultura mas também sob o ponto de vista da saude da raça. Convem não esquecer que Portugal continua infelizmente a ser um dos países de maior mortalidade infantil de toda a Europa...

As suas Casas do Gaiato são realizações magnificas—mas só por si não podem resolver o problema. Julgo que a sua solução completa só seria possivel a duas entidades: ao Estado ou à Igreja. Para tanto é necessária uma grande força organizada. Creio bem que esta poderia ser uma grande tarefa da Igreja — e do seu alcance social não é preciso falar.

Entretanto—se não vale a pena pôr o problema com tal amplitude — não seria possivel alargar a sua obra admirável das Casas do Gaiato com a instalação de externatos, onde às crianças fosse dada educação, alimento e uma, mesmo sumária, assistencia médica?

Ha evidentemente casos que exigem isolamento nas suas Colonias. Mas muitos outros existem em que não me parece necessário retirar a criança aos pais: estes deixam-nas vaguear pelas ruas, ou educam nas mal, pela sua ignorancia, ou pela sua miséria. Ora não poderia resolver-se este problema com algumas escolas distribuidas pela cidade, onde as crianças passassem a maior parte do dia e fossem convenientemente alimentadas, escolas que seguiriam, na medida do possivel, a orientação adoptada nas Casas do Gaiato?

Essas casas de assistencia serviriam de postos de observação social dentro da sua área. Através deles se iriam procurar e localizar aqueles tristes casos que só o internato, longe da cidade, pode resolver. Através deles se procuraria evitar que a criança seja um objecto de exploração, cartaz ou tabuleta para atrair esmolas tantas vezes mal dadas.

O problema não me parece insoluvel. Falta de meios? Não creio. Uma organização sua seria ajudada por todos».

A' primeira angustia deste senhor de boa vontade, *(não se pode andar no Porto...)* responde-se imediatamente com outra verdade bem mais angustiosa, a saber: asilos e orfanatos para creanças, com amplas salas e camas à espera... de verba! Se a cama estivesse feita e aberta à espera da creança abandonada, tinhamos ali uma verdadeira *Casa de Caridade*; assim, temos a caridade pintada na tabuleta da casa e não temos mais coisa nenhuma! São organismos vegetarianos. Não querem alimentar-se das realidades divinas. Não as compreendem. Não procuram vivê-las. Vegetam. Verba? Pois a verba é justamente a creança que tem o direito de ocupar a cama e sentar-se à mesa. Ela, a riqueza.

Quanto mais miserável fôr, maior é o dote com que entra. Deus provê. Ele é o verdadeiro provedor das casas d'Ele. Que pode faltar nelas? Quem contra elas? Mas se as fazemos nossas; a nossa obra! Se aparece o senhor provedor em carne e ôssocom o lápis na mão! Então sim. Ai temos o panorama: *Não se pode andar no Porto.* Nem no Porto nem em outras cidades. Por toda a parte *vagueiam creanças a pedir.* E contudo, como a carta muito bem clama, estamos em frente de um dos grandes problemas nacionais, por tudo e até pela *saude da raça.* Sim, meu senhor; diz muito bem. A sua carta escalda! Fala-se ali do Estado ou da Igreja como forças organisadas, capazes de ter mão na invasão da Rua. *Creio bem que esta poderia ser uma grande tarefa da Igreja.* A Igreja tem vindo por aí fora aos solavancos do mundo, meu senhor, e tem resistido, não sómente aos estranhos, mas também aos de casa. Ora quem assim tem mão em si mesmo, é naturalmente a pessoa indicada para ter mão no mais. Sobretudo na *Rua*, justamente a massa mais dificil de segurar, por se não ter compreendido que para o fazer, é necessário ir até ela e faze-la nossa. Só a Igreja. O Seu Fundador começou pela Rua. Muitas mulheres honestas e poderosas havia naquele tempo, a quem talvez o Mestre tivesse falado, sim. Mas não o sabemos. Sabemos que se dirigiu e se revelou (Eu sou o Messias), a uma mulher de má nota quando ela ia buscar água, à fonte! Só a Igreja. E' a Caridade que valorisa; que transforma as almas e diminui a invasão, da Rua, e esta, nasce e brota da Igreja. Obras da Igreja. Não obras à sombra da Igreja, com as camas feitas à espera do dinheirinho. Isso é uma desgraça. Obras aonde o verbo se faça carne e sangue.

Os Bispos de todo o mundo encorajam e auxiliam como podem, qualquer sacerdote que deseje consagrar a sua vida à Rua; mas que é deles?

Não faltam colégios e institutos religiosos dedicados à mocidade rica,—e é preciso que não faltem. Mas quem acode à invasão das enxurreiras? Eles, igualmente filhos da Igreja! Não há muito tempo que o primeiro dos nossos Bispos me dizia com a mão sobre o peito, falando deles: *são meus filhos* São, sim, e são a maioria. Quem é que o diz? *Não se pode andar hoje no Porto.* Eles são a maioria. Neles a força. Neles a qualidade. Neles o amigo... ou o inimigo de amanhã!

Muito agrada, sem duvida, aos educadores das juventudes herdadas, afirmar que estão desempenhando uma função social importante e necessária. Todos quantos se ocupam nela, são levados por êste pensamento fagueiro. E' verdade. Estão sim senhor. Mas,—existe uma coisa muito subtil que os engana. Rende! Ora do lado da rua não rende naquele sentido nem por aquela forma, daí haver tão poucos a trabalhar. Rende de outra maneira. Rende muito mais. Mas o heroismo afasta. Gosta-se mais da mediocridade.

Salvo erro, João Bosco ainda hoje é o numero um na Igreja. Os seus filhos espirituais estão espalhados por todo o mundo. Todos trabalham na Rua. Os seus oratorios festivos, *são aquelas escolas distribuidas pela cidade* em que a carta fala e a Oficina de S. José mostra hoje no Porto. Vamos a vêr, meu senhor. A *Obra da Rua*, recente como é, já tem a aprovação oficial do Estado e da Igreja. Os dois poderes disseram que sim, firmando seus nomes em os nossos estatutos. E' um grande passo. O mais virá a seu tempo. Não desanime, meu senhor, e continue a guardar no seu peito a aflição do que observa: *não se pode andar no Porto...*

MAIS CARTAS

Tenho aqui em cima da minha mesa de *trabalhos* uma carta da India, das mãos do director do Orfanato de São Tomé de Madrasta:

Também cá tenho Gaiatos. Muitos. 346. A miséria é tanta que não tenho coragem de dizer que não. Ou êle não fôsse um sacerdote! E' o Padre Lourenço.

A prudencia não me disse ainda que fechasse a porta e portanto cá vou indo como posso trabalhando dia e noite para lhes dar pão. Vê-se, por esta informação, que o autor da carta é um *imprudente* e daqui vem o numero alto de orfãos e as portas do orfanato escancaradas. Ele assina o nosso jornal, a que dá o nome de *jornal dos jornais.* Também na Asia se emprega o superlativo. Já se sabia da América, da Africa e da Europa. Ele chama-lhe, ainda *paginas de inspiração para os que, como eu, vivem desse viver e para êsse viver.* Gosto de ouvir estas noticias de um colega. Gosto que os mais as saibam. E' preciso sofrer muito e muito e muito, para assim comunicar às almas aquilo que a gente escreve.

Sofrer não por mais nada, senão que por aquelas mesmas coisas que dizem respeito ao altar da imolação! Altar, é a pedra aonde nos sacrificamos.

Teem-me ajudado muito no meu munus as lições que do jornalsinho tenho tirado, pois são de tal realidade que são universais e servem tanto para os educadores de Portugal como dos outros paizes civilisados e por civilisar. A sua missão é a de civilizar os civilizados, mas a doutrina e processos são tão actuais ai como aqui e como em toda a parte. Afinal o Evangelho é uno e universal.

Ora aqui é que está, meu Padre. A tal lição que diz tirar do *jornalsinho*, tiro-a eu mas é da sua carta: *o Evangelho é uno e universal.* Eis a grande lição. Quem sair dela, desperdiça em vez de semear. Sabe; nós aqui não temos verdadeiramente o chamado educador nem o mestre. Não temos. Nós plantamos. Nós regamos, e não fazemos mais nada. O crescimento é obra de Deus.

CRÓNICA DO LAR DO PORTO

Foi na quinta-feira Santa o dia da nossa desobriga. Este é o dia escolhido porque foi nesta data que N. S. Jesus Cristo instituiu o sacerdócio. Se não houvesse sacerdócio não haveria Padre Américo e se não houvesse Padre Américo não haveria «Casa do Gaiato».

Nesse grande dia que é sempre o do almoço mais melhorado comemos batatas fritas, bebemos, o tão delicioso Vinho do Porto, pão de ló e as amendoas que deram ao Fernando e que ainda sobraram para Paço de Sousa.

O Domingo de Páscoa fomo-lo passar à nossa Aldeia de Paço de Sousa. Jogámos com os nossos companheiros de lá e como nós já não jogavamos há bastante tempo e não temos botas de jogar, sucumbimos diante de um adversário superior e melhor apetrechado, pelo score que nos é honroso de 10 bolas, sem resposta.

Tivemos durante uns dias no nosso Lar o Luciano, que está em Coimbra, e veio gozar as suas férias. No dia dos seus anos fizemos-lhe uma festança onde não faltou o vinho fino.

O que nos ofereceram

De uma pessoa amiga do patrão do José Sá recebemos muitos utensilios que na casa daquele Senhor já não tinham uso mas que na nossa, como somos pobres, servem e muito bem. Eram cadeiras com pequenos defeitos, mesas etc.

Ofereceram-nos também, há tempos, figos, que ainda não tinhamos feito referencia nesta coluna, tendo sido o Fernando que os trouxe. Também recebemos um pacote de pinhões, outro com pasteis e bolos secos e 3 com amendoas.

Notícias dos nossos pobres

Os pobresitos dos Guindais andam muito adoentados. A velhinha deu-lhe um ataque no coração, de uma doença crónica, e o velhinho teve que ir ao nosso médico, Sr. Dr. Carlos Henriques levou uma injecção porque é-lhe muito dificil respirar bem. Tem a camisa que usa em farrapos, e nós daqui apelamos para a bondade dos nossos leitores.

Teve a caridade de atender a um nosso pedido, para a vèlhinha dos Guindais uma nossa amiga, de um hospital desta cidade, enviando-nos por um nosso confrade: um lençol, duas camisas de mulher e uma fronha. Recebemos também 50$00 de um anonimo.

Que Deus abençoe estes amigos dos pobresinhos.

No V Dia Vicentino a nossa Conferencia fez-se representar por quási todos os membros activos. No Seminário de Vilar pela quinta vez os confrades das muitas conferencias do Porto e arredores, ali se juntaram num dia de grande convivio, desde o vicentino operário ao vicentino juiz e grande comerciante. Todas as sessões tiveram a comparencia amiga do Senhor Bispo do Porto, que à Sociedade S. Vicente de Paulo tem revelado o maior dos afectos e carinhos. Preencheram as sessões, diversas palestras de varios vicentinos sobre a melhor maneira de servirmos os pobres e também a palavra que gostamos sempre de ouvir do nosso grande amigo Rev. Padre Vernochi. Numa das sessões de estudo, teve a palavra o secretário da nossa conferencia, o Ferreirinha, que leu o relatório dos nossos trabalhos e recebeu muitas palmas e inumeras provas de carinho e simpatia pela nossa Conferência, tendo sido abraçado pelo Presidente do Conselho Superior, Snr. Dr. Pinheiro Torres que louvou a acção vicentina do Lar do Gaiato do Porto e terminou dizendo que a colecta daquele tão inesquecivel dia seria integralmente para os pobres da nossa Conferencia. Rendeu 751$40. Obrigado, e desde aquele dia nós os vicentinos Gaiatos temos ainda maior responsabilidade, pois publicamente foi declarada a grande esperança que as conferências têm na dos gaiatos.

UM PEDIDO

CONTINUAÇÃO DA PRIMEIRA PÁGINA

palavra de Deus vive o homem; também precisa de pão. Pão e caldo. Ora fôrno, temos que chegue. Panela, temos tido, mas agora não. Tivemos uma de 50 litros e arrumou-se. Passamos a uma de 100 que também se vai arrumar. Queremos agora uma de 150 litros. Eis o pedido. Panela de aluminio fundido Um rôr de dinheiro para a bolsa de pobres, mas eu peço aos ricos. Eu gosto de furtar os ricos à maldição do Evangelho!

NOTA DA QUINZENA

Houve ontem grande falatório aqui perto, na estação de Cete, quando uma mulher desceu do comboio, pousou uma cesta e tornou a embarcar. Viu-se que a cestinha continha uma creança recem-nascida! Telefonaram para a estação imediata. Apanharam a mulher. Esta deu explicações. E' casada. Tem o homem ausente. Concebeu um filho doutro. Veio coloca-lo ali, com mira na Casa do Gaiato. Até aqui o facto. Vamos à lição.

Não falta quem atire pedras à adultera. Ela, realmente, tem culpas. Tem, mas não é só, nem é a principal. Outros entraram no crime. Se a opinião publica fôsse uma entidade justa, havia de exigir a presença do homem e ali mesmo, ao pé do fruto do pecado, condenar os dois. Mas não se faz assim. Ninguem protege, antes todos abusam da fraqueza da mulher.

Mas há outra lição na tragédia. Na aflição suprema desta mulher. Ela é casada. Tem o homem no Brazil, segundo me chegou aos ouvidos.

Ora êle devia ser uma excepção muitissimo particular, isto de o marido deixar a mulher na sua patria, e ausentar-se dela.

O povo devia estar de tal forma educado e preparado para as emigrações, que fôsse tomado por um escandalo social, o homem que embarca e deixa a mulher em terra; como seria de facto, se o contrario se desse.

Os casais, com esperanças das vantagens de emigrar, deviam habituar-se a pensar e a agir no plural: *nós vamos embarcar*. Assim, sim. Mas não é isso que se vê. Tudo são razões para deixar a mulher em casa e esta às vezes, também parece tê-las, para deixar ir o homem sòsinho! Sobretudo se o marido vai para a Africa, lá muito longe, aonde não há divertimentos. Que maçada!

Casos tem havido em que o marido vai para o casamento com o passaporte na algibeira, e a mulher é sabedora, e a familia também, e todos dizem que sim!

Depois... creanças colocadas em cestos à beira dos caminhos e outras, quantas delas, liquidadas por outros processos! Oh desgraça nossa! Sangue inocente a clamar!

Atenção às noivas. Atenção aos noivos. Não pode haver interesse nem força maior do que o bem espiritual do Lar. Comunhão. Presença. Comparticipação. Vai um e fica o outro? Bem sabemos que não é por isso um lar desfeito. Não é. Mas é, com certeza, um lar exposto. E pode vir a ser um lar desfeito... em lágrimas e torturas!

O caso desta nota da quinzena. (Pudera eu salva-la, só porque ela quiz salvar o filho!) Este e outros que tu conheces e até talvez o teu caso. Todos eles são documento.

MAIS CARTAS

Com esta tenho o fim de pedir que me *inscreva* como *assinante* do seu *inigualável* jornal o «Gaiato» pois que o tenho lido por emprestimo é uma alegria para mim quando o apanho à mão, pois fico alegre e com os olhos arrazados de lágrimas, tal é a satisfação com que eu o leio, eu sou porteiro da Federação dos Trigos, ganho pouco pois sou casado e tenho um filho de três anos e meio, mas se Deus o permitir ainda hei-de conseguir arranjar *30$00* por ano para a assinatura, e se puder quero ver se arranjo cá alguem que se queira interessar pela grande obra de regeneração de almas. Peço dê cumprimentos de parabens ao Periquito por já ter arranjado cadeira para cortar o cabelo ao pessoal todo da aldeia mais portuguesa de Portugal eu para mim chamo-lhe a *Aldeia dos Encantos*. Senhor Padre Américo minha mulher anda a rebuscar nas poucas coisas que tenho para ver se lhe mandamos alguma roupa para algum rapaz ou seja umas calças e um casaco azul do fardamento de inverno e lá para o verão quero mandar outro de cotim.

Um porteiro da Federação dos Trigos, que chama à nossa barafunda *a aldeia dos encantos*, e alegra-se com a cadeira do *Periquito! Eu sou porteiro, ganho pouco*. Se os directores da Federação lerem o jornal, hão-de necessáriamente sentir da mesma sorte, sobretudo, tendo um filho de três anos e meio...! Porquê? Porque se trata de uma obra humana. Mais nada. Já que se fala na Federação dos Trigos, digo com muita alegria de uma migalha de dois contos e meio que ali costumo ir buscar pelo Natal. O Tesoureiro, parece está à minha espera de bem que me recebe. Ele preenche o documento, empresta a caneta, diz como hei-de fazer, conta as notas num alegre *Aqui tem*. Pena é que o Natal esteja sempre tão longe e dure tão pouco!

Ainda por Federação dos Trigos, quero recordar aqui os tormentos do pãosinho que estamos actualmente a comer. Ele era a Federação e o Grémio da Lavoura e a Intendência e a Comissão Reguladora do concelho onde vivemos. Andei da casa duns pra casa doutros, até ir bater à porta do Subsecretário de Estado da Agricultura e então sim. Temos pão. O Rio Tinto amassa 100 quilos por dia. Os rapazes fazem o resto; à merenda com manteiga, manteiga da nossa para lhes custar menos... O travôr, é só para mim.

ASSINATURAS PAGAS

Sim Senhor. Estou em dizer que não há leitores mais aprumados do que os de *O Gaiato!* Pediu-se aqui para mandarem o numero da assinatura com a importancia; pois tanto bastou para que assim se tenham feito a não ser, já se vê, um ou outro da oposição. Continuem. Poupam-nos um rôr de tempo. Ajudam. Cooperam. São amigos.

E cá vamos na subida dos trinta mil. Não vem um dia ao mundo que nos não traga novos assinantes! Vêm esfomeados: *E' lido por toda a familia. Pelo consolo que nos dá, não há dinheiro que o pague.* (De um médico da nossa Marinha) *Creia que as minhas convicções de católico encontram no Gaiato o seu melhor esteio.* (Um professor) *Recebo o mandado não sei por quem e tenho pena, porque gostava de agradecer à pessoa que, talvez sem o pensar, me proporciona o maior prazer da minha vida.* (Uma leitora). *Creia que sentimos alegria quando lemos numeros grandes nas ofertas que lhe fazem e lamentamos quando sabemos que há alguem a dizer mal da Obra.* (Uma familia). *Confesso que já há muito sou assinante do jornal, mas deixava-o nos papeis. Comecei agora a ler. Queira mandar desde o principio.* (Um médico). *Porque ocupam o precioso espaço do nosso jornal com os nomes dos assinantes? A's veves é um espaço tão grande!* (Uma assinante).

E' a fome. A fome da alma. Nem todo o alimento lhe presta, mas quando o encontra, não come; *devora!* Sim. Vamos para os trinta mil. E' um jornal de notícias. De notícias pequeninas. Notícias que nos dizem respeito. Quantos leitores se não teem encontrado a *si mesmo*, ao encontrá-las aqui—quantos! Andavam perdidos! Ele havia coisas tamanhas na Grécia e em Roma, nos tempos de Jesus de Nazaré! Que notícias sensacionais não pudera Ele ter narrado—Ele que sabia tudo! Mas não o fez. Calou as grandes coisas. Não disse nada dos *grandes*. Nem dos *cinco* nem dos *quatro*. Revelou as coisas da alma. Revelou a vida. Foi buscar as flores, os passarinhos, as cearas, os rebanhos, o linho, as galinhas, o fermento, os peixes, a candeia. Tirou o sublime do vulgar. Eis.

Ora vamos lá. Recorta-se do rosto do jornal o endereço, mete-se dentro de um envelope juntamente com a notícia do vale que segue pelas vias competentes, ou o dinheirinho, consoante calhar ao leitor. Assim acabam as queixas de parte a parte; nem eu dos leitores nem eles de mim.

Lídio Félix Dantas e Melo, Porto, 30$; Maria do Céu Sarmento Nápoles, Foz do Douro, 20$; Maria Rachel de Vasconcellos Temudo, Coimbra, 30$; Maria Eugénia de Castro Corte-Real, Coimbra, 25$; José Gonçalo Chorão de Carvalho, Lisboa, 30$; Dr. Juiz Vitor Brandão-2 anos-Foz do Douro, 50$; Porfírio Oliveira, Porto, 50$; D. Maria Amélia Avides Moreira, Porto, 30$; Major Luís Borges Júnior, Vila-Real, 20$; Anónimo-3 anos-Frenda, 500$; António Corsino Caldeira, Trinta, 100$; M. Vasconcelos, Porto, 20$; José Domingos Bastos, Valdigm, 25$; Empregadas da Casa de Saúde, Coimbra, 50$; Enfermeiros da Casa de Saúde, Coimbra, 25$; Empregados da Casa de Saúde, Coimbra, 25$; Menino Carlos Alberto Santana Maia, Ribatejo-Mouriscas, 20$; Farmácia Lopes, Matozinhos, 20$; José Inácio Costa Rosa, Tomar, 20$; Carlos Alves Carneiro, Porto, 50$; Dr. António Ferreira, Nogueira-Lousada, 30$; Padre Manuel de Pinho-Coadjutor de Pedrosa-Carvalhos, 50$; Manuel do Vale Ribeiro, Porto, 100$; António Ferreira Martins, Porto, 20$; António Américo Pinto Almeida, Ermezinde, 50$; Renato Ferreira dos Santos, Porto, 50$; Tomás Barbosa Leão, Rio Tinto, 100$; Luís Manuel Brenha Lopes, Porto, 20$; Alberto Rodrigues, Porto, 50$; Carlos Ercaniky, 10$; D. Rosa de Sá Rodrigues, Foz do Douro, 30$; Joaquim de Sousa e Silva, Porto, 25$; Cassiano Cândido Leal, Porto, 20$; Padre Albano F. de Almeida, Baltar, 30$; Padre José Nunes de Almeida, Cête, 20$; Padre Joaquim Dias de Faria, Fonte Arcada, 20$; Afonso Baptista, Malaposta-Mogofores, 20$; Joaquim Ramos Lopes, Famalicão-Mogofores, 20$; Horácio Fernandes Louro, Arcos de Anadia, 20$00.

Jaime Lopes Claro, 20$; Jaime Tavares de Amorim, 20$; Luís de Matos, 20$; José dos Santos Moura, 20$; Alfredo Luís Ferreira, 25$; Joaquim Martins Maia, 25$. Todos de Arcos de Anadia.

D. Adelaide Borges Correia, Porto, 50$; D. Maria Luisa Barata Ferreira Bicho, Covilhã, 100$; José dos Santos Ramos, Porto, 100$; Artur de Lemos, Porto, 50$; Albano Moreira da Silva, Vilar do Paraizo-Valadares, 150$; D. Adélia Miranda Vasconcelos Martins de Carvalho, Lisboa, 20 números, 20$; Manuel Pereira da Silva, Alvarinha-Fânzeres-Rio Tinto, 30$; D. Maria Simões Anjos, Lisboa, 20$; D. Sabina Augusta de Sousa, Lisboa, 6 meses, 7$50; D. Elsa Irene de Vasconcelos Peixoto, Vilar da Veiga Braga, 20$; Manuel Pereira Ribeiro, Lugar da Estação-Sobreira, 20$; Carlos Vilela Bouça, Porto, 25$; Francelina Silva e Sá Ferreira, Trofa, 50$; Dr. Rollando Wanzeller, Porto, 50$; Maria Margarida Bravo, Porto, 60$; Margarida Pinto Soares de Albergaria e Albuquerque-Oliveira do Sande, 50$; Anónima, Olhão, 2 anos, 100$; Maria Adélia da Silva Maia, Crestuma-Vila Nova de Gaia, 50$; Albertina Vilas-Boas e Alvim, Fafe, 25$; Menino António Correia Teixeira, Portalegre, 50$; Arménio Pedrosa, S. Mamede de Infesta, 50$; Francisco Vasconcelos Sousa Castro e Melo, Viana do Castelo, 30$; Helena José Maia Amaral, Aveiro, 50$; Joaquim César Soares Pinho, Oliveira de Azemeis, 30$; José Eduardo Arnaut Silva, Tavira, 2 anos, 100$; José Telles Corte-Real, Tábua, 25$; Laura Nunes d'Oliveira, Amora-Correr de A'gua, 50$; Manuel José Veríssimo, Lisboa, 2 anos, 100$; Maria Celeste de Oliveira, Maiorca, 40$; Maria do Céu Girão, Viseu, 100$. Maria Luísa da Costa Pinto, Aljustrel, 25$; Narciso Francisco Figueira, Agueda Aguada de Cima, 20$; Alice Luisa das Eiras do Vale Souto, Curasos, 30$; Maria Amélia Barros Lima Pereira Lima, Esposende-Curvos, 25$; Natalina Garcia Manaranhas Azevedo Lima, Esposende-Curvos, 20$; Felicidade Valente da Costa, Sàmil-S. João da Madeira, 20$; Padre Manuel Nogueira Coelho, Vila Boa de Quires-Marco de Canavezes, 40$.

Um acontecimento no Porto -- E' no Coliseu

Deve ter lugar no dia 30 de Abril ou em qualquer outro da primeira semana de Maio. Os jornais hão-de fixar. Os postos emissores tambem. Alerta!

Mas de que é que se trata? A Casa do Gaiato no Coliseu, em carne e osso! Os do campo. Os da cozinha. Os da rouparia. Os das Oficinas. Os das capoeiras. Os do refeitório—cada grupo com seu chefe, a explicar a obrigação. Vai o *Periquito* dizer da sua loja de barbeiro. O *Sapo* tambem era para dizer a sua obrigação, mas como não é capaz, vai o *Planêta* dizer por êle. A maior parte dos *oradores* andam já a mastigar frases dos discursos e a discutir de quem ha-de dar mais faisca. Vamos a vêr.

Veem rapazes de Miranda. Vem ditos de Coimbra. Os do Lar do Porto, não faltam. De Paço de Sousa, uns cem deles. Os *Batatos* vão mas é para a cama. Aparece um orfeon como jámais se ouviu no Porto! Tambem cuido que pode aparecer em primeira mão a fita-documentário da *Aldeia*.

Quem ha aí que fique em casa?

Isto é a Casa do Gaiato

O Eldorado da América mudou-se. Já não é lá; é em Portugal.

E' o campo de Jogos da Casa do Gaiato! a concorrência aos domingos é de trasbordar. Os grupos das redondezas, os grupos das distancias, o nosso grupo! No domingo passado veio um *onze* do Porto. Rapazes de um colégio. Trouxeram seu merendeiro. Trouxeram onze prendas que deixaram a cada um dos nossos *onze*.

Trouxeram uma esmola para a Casa. Trouxeram finalmente, alegria, mocidade, civismo. Um dos nossos, não se cansava de dizer: *Que rapazes tão bem educados!*

Ora muito bem. Os nossos ganharam. Ganharam por um ponto. Nisto não há mal nenhum; ganhar ou perder, eis o jogo. O mal está no barulho que eles fizeram. Foi uma tarde nervosa. Eu fugi prá mata, mas eles foram ter comigo com farrapos na ponta de canas a fazer de bandeiras e a cantar modas!

A noite, houve conselho. Não se lhe pode chamar tribunal, muito embora o sitio mais a assistência fosse precisamente a do *tribunal*. Mas faltava a matéria. Por isso, houve conselho. Eu falei. Disse da tristeza que me vai na alma ao notar estes extremos, a saber: quando aqui em casa se ganha, é o que hoje se viu. Quando se perde, é um dia de entêrro! E disse mais coisas. Disse que os queria ver iguais, quer no ganhar quer no perder. Nisto um da assembleia pede a palavra e eu dei-lhe a palavra. «*Pois é*, disse o orador. *Mas eles também não são iguais. Eles vinham pra ganhar. Eles diziam que iam ganhar á gente. O crónista deles, começou todo pimpão a tirar nomes e a escrever, mas quando chegou o nosso primeiro gól ele vai e pumba. Mete o papel no bolso e nunca mais falou.*

As nossas assembleias são abertas a toda a opinião. Falou o Alfredo: *pumba!* Este *pumba* foi eloquentíssimo!

• • •

VOU dar aqui uma notícia, que depõe um nadinha em desfavor no nosso sistema, mas eu gosto que nos conheçam. E' o sino. O sino da capela, que já há muito não toca! O defeito não é dele; é da corda. Nem é verdadeiramente da corda. E' de quem puxa. Aqui é que está. Da corda passou-se ao arame. Do arame ás correntes e presentemente nada. Tenho pena! Fazia tanto gosto no sino da capela a tocar, á tardinha, para a oração da noite! Tanta pena! Mas quê. O sacristão tinha os seus compadres do toque. Estes vinham e puxavam e bufavam! Eram rixas e sangue todos os dias! Mais. Alguns, de bravos por não puxar o sino da capela, desatavam a puxar a sineta do refeitório! Ordem? Que é dela? Nem um batalhão de cavalaria!

Pois decidiu-se pela parte mais dolorosa: não se toca mais o sino da capela. Pronto.

• • •

AQUI vai uma pincelada. Ainda vai quentinha. Colhi-a agora mesmo da varanda da Casa-Mãe. E' o Constantino. O cozinheiro de semana, que vai á horta mai-lo ajudante e um carro de mão, às couves. Ora aonde é que vai o ajudante? Aonde há-de ir o ajudante, se na comitiva vai um carro de mão e ela a comitiva, é feita de rapazes? O ajudante vai muito naturalmente empoleirado no carro e este é muito naturalmente impelido pelo cozinheiro e se assim não acontecesse, teriamos a desordem cá em casa.

Siu. E' que eu chamo desordem a tudo quanto esteja fora do seu lugar e do seu tempo.

• • •

NÃO sei se conhecem o Rodrigo. E' o Rodrigo ajudante de de alfaiate. Pois bem. Aqui há um rôr de tempo, veio cá um visitante. Conversou e engraçou e prometeu um sobretudo ao rapaz e cumpriu. E' um sobretudo castanho, que veio com uma carta muito linda. Isto foi há mais de dois meses. O Rodrigo enfiou a peça de roupa e nunca mais a tirou do corpo!

Vamos a vêr o que é que ele faz, quando o calor apertar. Estou mesmo mortinho por vêr!

• • •

MAIS um quadro vivo. *Na Obra da Rua* tudo é vida.

Era de manhã cedo, à hora ruidosa e preciosa das papas á do leite.

Aquela hora é unicamente deles; os cozinheiros, os refeitoreiros e os comensais. A's vezes, o *Marão* mai-lo *Nero*, quando o encarregado lhes não fecha a jaula a tempo, *Jaula* não sei se será próprio. Que me desculpem os habitantes do hotel dos cães! Mas vamos ao quadro. Eu passava a caminho da capela. Fora das portas da cozinha estão o *Russo*. o *Zé da Cozinha* e o *Sapo* á roda do tacho, cada qual com sua colher. Ao pé estão dois gatos. A seguir está o *Top*, que é um cão. No meio dos gatos e do cão, estão as galinhas e os patos e os perús e os garnizés do *Periquito*. Os três rapam. Ora prá bôca deles, ora prós gatos, ora prás galinhas e também pró *Top*. Todos comem. Tudo chega. Contas que Deus faz! Dentro, no refeitório, mais de cem pratos a fumegar.

Na cozinha à mesa dos fracos, também fumegam as malgas de leite. Na enfermaria, os doentes. Mais tarde, veem os *senhores* mai-las *senhoras*, e encontram a meza posta. São as contas da Pobreza. A altissima e real Pobreza, fonte perene de abundância. Aqui, há sómente três operações: somar, multiplicar e dividir. As contas de diminuir são tuas.

• • •

CHEGOU um rapaz de Braga. Com a chegada dele, começam a faltar as coisas. Pequenos dinheiros aos que já ganham. Borôa das sacas dos trabalhadores. Ovos dos ninheiros das galinhas. Não havia dúvidas. Era o bracarense. Ontem à noite, faltou a chave das oficinas. Nas oficinas, estão coisas fáceis de tirar e úteis aos ladrões. A' ceia, notou-se, igualmente, a falta do rapaz... O caso foi muito falado e todos decidiram pelo destino da chave. Não podia ter sido mais ninguém. Foi o habitante da Roma portuguesa.

No dia seguinte, ao sair da capela, topo fora um grupo de rapazes: *Aqui está ele!* Que tinha sido? Muito simples. Poeta e Veiga, mal amanheceu, põem-se a caminho e deram com o fugitivo a uns cinco quilometros daqui. O Veiga, que andava fugido antes de ser nosso e que também de cá fugiu algumas vezes,—o Veiga sai de manhã cedo à procura de um fugitivo! Ninguém o mandou. Ninguem, tão pouco, lhe pediu. Mas também ninguém o estorvou. Azas! Quem quiser amar que ame. Ora o grupo, mal me vê, vem direitinho e relata. Foi ele que tirou a chave das oficinas. Ele que arrombou a caixa do *Periquito*. Ele que roubou de lá *cinco mil reis com um tostão com mais meio*, segundo a própria declaração do roubado, que também era do grupo e que ostentava na mão o *pé de cabra de* que o *gatuno* se tinha servido, para arrombar a caixa. *Olhe aqui!*

O vadiosito tem uns onze anos. Estava ali à minha frente, à espera. Além do mais, é portador de tinha. Tem-na na cabeça à vista de toda a gente. Eu olhava. Ladrão. Fugitivo. Tinhoso. Este ultimo predicado custa-me 600$. Mandá-lo ao Porto com outro à depelição, em riscos de o ver fugido, e o falatório que isso não acarreta. Estas e outras coisas tenebrosas, assaltaram o meu pensamento.

Depois, os trabalhos, a idade, o pêso da vida, a fraqueza da carne. Tudo isto somado levou-me a uma infeliz conclusão:

—Deixa fugir o rapaz.

Ele que se vá embora.

Houve um momento de silêncio Nesta atitude dos meus, vi o mal que tinha feito: Eu o acusador! O unico acusador! Acusar um inocente!

—Não. Ir embora não, diz o Chefe, respeitosamente.

—Não vai embora. Aqui é a casa dele, acrescenta o Veiga.

—Periquito, com o *pé de cabra* na mão, exclama exaltado: Não vai embora. Há-de pagar primeiro os cinco mil reis que me roubou.

Eu estava no meio deles humilhado. Eu que tantas vezes prego o perdão, não soube perdoar. *Ele que se vá embora!* Não foi, até à data em que escrevo estas regras. Espera-se que não vá.

Muito deve Portugal à iniciativa generasa destes herois desconhecidos! A lama a sublimar a lama!

• • •

VIERAM hoje duas caixas de brinquedos. Ao abrir, levei imediatamente o meu pensamento à enfermaria, aonde estão actualmente alguns dos mais pequeninos. Mas quê! Os brinquedos traziam rotulo. Eram pró *Xancaxé* e pró *Sapo*. Tive de respeitar. Respeitei. Correu voz na aldeia, e num instante juntaram-se 27 (eu contei) rapazes à volta do *Sapo: Olha o Sapo! Mostra cá Sapo.*

Sapo livrou-se como pôde, e foi ter com a menina da rouparia, para esta lhe guardar os brinquedos. Vamos a ver.

• • •

TEMOS uma perua com 28 ovos de galinha e duas galinhas com 36 ovos de pata. Anda a malta intrigada. Uma perua a dar pintos e das galinhas sairem patos! Temos também uma outra perua no fundo da quinta, com dezasseis ovos dela num ninheiro que ela fez e guarda. Não falta lá milho nem migalhas nem nada. O tempo está a acabar. Veremos. Os ovos da garnisé do *Periquito* estavam cheios e deram pintos. Já estão juntos com os mais, debaixo da galinha do Constantino. Estão os pintos e o barulho de toda a hora. *Periquito* quer ir ver os garnizesitos. *Deixa que são meus.* Constantino com a sua autoridade de cozinheiro e de dono da *mãe*, enxota-o: *vai passear.*

• • •

O Miguel, por ser de compleição fraca, tem obrigação leve; é o inspector das limpezas na Casa-mãe. O Ardina, o Poupa e o Augusto vão chamá-lo quando acabam seus trabalhos e lá vai ele, o inspector, percorrer, examinar, passar os dedos por sobre os corrimões e roda pés e caixilhos: *olha ali.* As vezes há questões entre o senhor inspector mai-los inspecionados. Tem de os haver, ou eles não fossem quem são.

• • •

HOJE houve aqui muito que falar. Era o dia de enganos.

As *senhoras*, até descobrirem a brincadeira, andaram a manhã ocupada em caminhadas pró meu escritório: *Faça favor de dizer!*

Chamei o *Pastelão* a contas, por ser o mais enganador.

—Deixe lá. Não faz mal. E' tradição.

• • •

NO dia 31 de Março, deram entrada na enfermaria geral do nosso hospital, os primeiros doentes, transferidos dos serviços provisórios de enfermagem, instalado na Casa-mãe. Eram eles o *Relhas* de Parada, o Lobo de Cesár, o *Moléstia* de Fafe. o *Planeta* de Rezende, o *Tiroliro* do Porto, o *Rola* idem, o *Careca* de Santo Tirso, o *Preto* da Guiné e o *Santa da erva* de Rio de Moinhos. Não confundir o *Santa da erva* com o *Santa de pau*, pois que são duas entidades diferentes. Este ultimo encontra-se no goso de perfeita saude.

Na noite da mudança houve *tribunal*, onde se leram as regras das visitas aos doentes nos nossos serviços. O *Zé da lenha* veio ao meio, escutar. Ele é o enfermeiro. Foi lhe dito ali, solenemente, que em havendo qualquer falta, é ele o castigado. Assim tem de ser. Nova casa, nova vida. Na antiga enfermaria, por ser perto da cozinha e na passagem de todos, a ordem deixava muito a desejar...

Vamos a ver agora. Do que se passar, daremos conta. Eu quero que o nosso *jornal dos jornais* seja o verdadeiro reportório da aldeia.

• • •

EOI ontem à noitinha que eu ouvi: *Mais um. Temos mais um.* Era um rapaz mai-la sua história. Não temos uma hospedaria; aquela hospedaria que dois dos nossos propuzeram, como aqui foi há tempos relatado. Não temos. Por isso mesmo o pequeno viandante comeu o caldo sentado num môxo, na cozinha. Não se sabe como teriam ficado impressos em seu espirito as figuras e os rodeios daquela hora, nem o sabor que o caldo lhe deixou. Sabe-se, sim, que tomou das mãos de um cozinheiro o covilhete e comeu. O maioral, como é da sua obrigação, agaaalhou o melhor que lhe foi possível; era um hospede. Um hospede nosso. Eu tinha-lhe feito ver, a sós, que o rapaz não podia ficar. Que no dia seguinte, depois de lavado e vestido e almoçado, teria de tomar o bordão e caminhar. Oh amargura! Amargura minha mais do que a dele!

Vem o dia. Vem o almoço. São papas de farinha de milho e leite das nossas vacas. O Maioral procura-me:

—O rapaz anda tão triste!

Eu escuto, silencioso. Já ontem à noite eu vira aquela mesma tristeza no seu semblante. O Maioral espreita-me os lábios a ver se eles se mexem e diz baixinho:

—Nós andamos todos tão contentes!

E' um que foi das ruas a sentir no seu estomago a fome e no seu corpo a nudez e na sua alma a tristeza de um rapaz também da rua. E' um sentimento deliciosamente cristão. *Faze aos outros como gostarias que te fizessem.*

Eu lanço, meus olhos pecadores em redor, e não vejo nada mais alto no mundo do que estes *miraculados*, a viverem o milagre do Amor: *Ele tão triste, nós tão contentes!*

Os meus lábios mexeram-se. Fiz a vontade ao maioral, indo até junto do hospede perguntar e saber. O dia era assinalado. Estavamos na manhã de Quinta Feira Maior. O dia escolhido em nossas comunidades para a desobriga colectiva e comunhão pascal. Tinha sido naquela mesma hora. Estavam todos ainda quentinhos, daí o *nós andamos todos tão contentes*. Perguntei e perguntei. Maioral estava ali ao pé. Resolveu-se pela melhor. Momentos depois, passa devidamente rapado e vestido, o que fora hospede. Vai pela mão do chefe.

—Para onde o levas; campo ou oficina?

—Vai pró campo.

• • •

COMO se soubesse na aldeia que eu ia amanhã ao Porto, aí vêm as incumbências ter aonde eu estou. Desta vez, foram *Rio Tinto*, *Poeta* e *Periquito*. Doutras, são outros. As coisas variam, conforme os gostos e as necessidades de cada um. São coisas para eles, a seu modo. Dentro do carro e já na avenida, chegam até aos meus ouvidos os confiantes e ruidosos: *Olhe lá. Não se esqueça!* No regresso da cidade, correm, a saber novidades: *Trouxe?* Ora se ele é verdade que o recoveiro, quando fiel, é uma pessoa muito querida, que fará quando ele, o recoveiro, é de casa e faztodo o serviço de graça?! De sorte que, quando se julga que ando nas ruas do Porto totalmente absorvido pelo pensamento de alimentar e educar estas creanças, eu ando mas é ós recados deles: *Trouxe?* Fala-se prai tanto em educadores e em educar! Ele nos colégios. Ele nos seminários. Ele nas famílias. E não se fala igualmente da educação da Rua por antecipadamente se *saber* que são todos um bando de malcreados e sujos e teimosos e maus e peste. Quem pode apróximar-se?! Sim. Muito se fala. Porém, se me fosse permitido uma palavrinha a tal respeito eu havia de propôr mais recoveiros a servir e menos educadores a ensinar.

• • •

HOJE, sexta-feira maior. Era manhã, fazia frio. Estava a chover. Como fosse um dia morto no altar, não madruguei. *Pastelão* vai ao meu quarto, bate de mansinho, entra e diz: *eu vou buscar o café. Vou buscar o tabuleiro.* E desanda, sem ouvir. Daí a nada, entra o *Pirulas* à frente com a mesinha de cama, e logo a seguir o *Pastelão*. Tinha ele estado a vender *O Gaiato* ontem, no Porto. Vinha cheio de notícias que vai desfiando conforme se lembra delas, à maneira que me serve o café:

—Na Ateneia é que é. Ali é que eu tenho fregueses.

—A gente até tem vergonha de estar ao pé daquela fidalgaria. E conta. E conta. E conta.

Depois de recolher no dito tabuleiro as peças que serviram o café, despede-se com uma recomendação verdadeiramente filial: *deixe-se estar no quente, que faz muito frio.*

Daí a nada, novo truz truz. Quem será? Mandei entrar. Agora é o Constanti no. Um dos cozinheiros. Que quer o Constantino? Não quero nada. Quere desabafar, fazer-me comparticipante da grande alegria que se passa na comunidade. Tinham nascido durante a noite uma data de patinhos. Ele trazia ali sete, que coloca jubilosamente sobre a mesa que o *Pirulas* tinha pôsto para me servir o café. *Olhe sete. Estão mais a picar!* Este simpático moço, ontem perdido nas vielas de Coimbra, achou-se; deu fé de *si mesmo* na nossa aldeia, e hoje quere amar. *Olhe sete!* Mais. Se este rapaz vem expontâneamente e familiarmente ao meu quarto de dormir, com patinhos no regaço, tirados de debaixo da galinha que ele mesmo botou; se ele me fala, se ele se ri; se ele assim trasborda, como não há-de estar disposto a escutar, no meu gabinete de trabalho, sentado à minha beirinha, aquela palavra oportuna e decisiva—ele que anda nos desassete...! Tem escutado, sim senhor. Este e outros. Todos. E só assim é que escutam!